

VITTE, Antonio Carlos (org.). **Contribuições à história e à epistemologia da geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 294p.

Tulio Barbosa

Professor Doutorando do Instituto de Geografia

Universidade Federal de Uberlândia

túlio@ig.ufu.br

O livro organizado por Vitte é fundamental para o debate epistemológico da Geografia, uma vez que nas últimas duas décadas a Geografia ficou engessada nas concepções teóricas-metodológicas da Geografia Crítica e avançou pouco quanto ao aperfeiçoamento do discurso filosófico-científico. Deste modo, o referido livro é muito importante pelos apontamentos teóricos e pela diversidade quanto aos métodos, enfim, trata-se de uma obra que realmente contribuiu para o pensamento geográfico.

Os nove capítulos que compõem o livro são norteados pela epistemologia geográfica, por uma teoria do conhecimento geográfico que é fixada na relação sujeito e objeto pela função mediadora do conhecimento geográfico a partir de suas categorias analíticas; assim, a lógica por trás da composição desta obra heterogênea é a relação epistêmica pela busca da compreensão da realidade por meio do conhecimento geográfico, ou seja, os capítulos que compõem o livro são norteados pela investigação das expressões categóricas geográficas inseridas na relação da realidade com o sujeito (pensador em Geografia) que a compreende, neste sentido, o livro é direcionado capítulo por capítulo para uma aventura epistemológica que nos faz refletir gnosiologicamente e nos aponta criticamente a Geografia.

Os nove capítulos do presente livro foram escritos por diversos pesquisadores da Geografia Humana e da Geografia Física. O livro inicialmente conta com a apresentação do organizador quanto ao plano da obra, nas páginas nove e dez os autores são apresentados por meio de um breve currículo com endereços eletrônicos de cada um.

O primeiro capítulo “Da metafísica da natureza à gênese da Geografia Física moderna” escrito pelo professor Antonio Carlos Vitte é uma adaptação do seu brilhante artigo “A terceira crítica kantiana e sua influência no moderno conceito de Geografia Física” (publicado pela Revista Geosp, 2006, n. 19); assim, a diferença apresentada no capítulo é o acréscimo da nona parte que tem como foco o desdobramento da Geografia Física na atualidade com destaque para a produção brasileira. Em geral, o artigo aponta a relação entre

OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.1, n.2, p.139-143, jul. 2009.

a Geografia e a Filosofia por meio das obras de autores românticos, da *naturphilosophie* e, principalmente, as obras kantianas como influência direta para o nascimento da Geografia Moderna através de Humboldt. Há uma reflexão estética kantiana importante e introdutória para futuros desdobramentos epistemológicos das categorias geográficas com conceitos da Filosofia amarrados à natureza. Humboldt é apontado como o unificador da estética e da ciência por meio do estudo sistemático da natureza enquanto verificador da harmonia cósmica; assim, Vitte leva o leitor da metafísica até a Geografia contemporânea - pelas reflexões categóricas.

O segundo capítulo “A luz invisível: elo da doutrina natural e espiritual de James Hutton” escrito por Pedro Wagner Gonçalves busca elementos teóricos e históricos para provar a importância de Hutton no desenvolvimento da Geologia a partir da influência de conceitos e pontos de vistas religiosos insuspeitos para as autoridades, uma vez que Hutton afirmava que filosofia e religião devem ser desenvolvidas separadamente, pois, segundo Gonçalves, “[...] ambas contribuem para a constituição da verdade e dos valores morais da humanidade” (p. 52).

Hutton acreditava que a Bíblia era fonte de ensinamentos extremamente válidos, porém enxergava na Bíblia algumas incongruências com relação a criação e desenvolvimento da natureza. Diante disso, Gonçalves interpreta a fé de Hutton como racional, intelectual e espiritual na relação constante entre o aparente e o transcendente, ou seja, a fé huttoniana é uma religião natural que tem como princípio a liberdade do homem dentro da natureza vital e dinâmica. O dinamismo da natureza era mantido pelo calor e pelos raios luminosos do sol (distintos para Hutton), isto é, luz e calor atribuem qualidades à matéria e permitem que o mundo seja mundo (por meio do poder da luz). O sol – parte da natureza – é sempre bom, pois a natureza é sábia e na mesma há ausência de maldade. Estudar a natureza, significava estudar a criação de Deus por meio da verdade alcançada pelo ato racional do filósofo que é limitado. O referido capítulo contribuiu para o entendimento dos primórdios da sistematização da natureza e das especulações da natureza enquanto máquina sistêmica que, muitos séculos depois, parcialmente influenciou os pensadores do geossistema (basta conferir a obra de G. Bertrand) e da Geografia quantitativa.

O capítulo três “A filosofia (neo)positivista e a geografia quantitativa” escrito por José Carlos Godoy Camargo e Dante Flávio da Costa Reis Júnior trabalham com o desenvolvimento da Geografia Quantitativa à partir de questionamentos filosóficos

envolvendo o positivismo e neopositivismo. Direccionam seus argumentos para a diferença epistemológica ao mencionarem que o neopositivismo parte de apriorismos e o monismo metodológico é auxiliado pela análise lógica, além das novas noções de hierarquia e sistema. Na Geografia Quantitativa os pesquisadores adotaram procedimentos neopositivistas como a Teoria Geral dos Sistemas, Teoria dos Conjuntos, Teoria dos Jogos e Teoria da Complexidade. Reis e Camargo enumeram os elementos desta nova Geografia sem uma grande preocupação com um debate mais aprofundado dos pontos metodológicos colocados.

O capítulo quatro “Considerações teórica-metodológicas sobre as origens e a inserção do sistema de informação geográfica na Geografia” escrito por Marcos César Ferreira tem como objetivo central apresentar as origens do SIG e como o mesmo exerce um papel de integrador dos campos do conhecimento geográfico. O SIG é apresentado como uma ferramenta baseada nos modelos algébricos e geométricos que possibilitam a transformação de uma paisagem real em um mapa, por meio da modelagem do espaço geográfico. A importância do capítulo relaciona-se a história do SIG e o questionamento epistemológico do mesmo, bem como salienta ferramentas teóricas vinculadas ao planejamento pela Geografia.

O quinto capítulo “A Geografia da complexidade: aplicação das teorias da auto-organização ao espaço geográfico” escrito por Luiz Henrique Ramos de Camargo e Antônio José Teixeira Guerra faz um resgate histórico da filosofia e das diferentes formas de percepção e raciocínio do homem diante da natureza, tem como centralidade a teoria da complexidade, teoria do caos e a auto-organização da natureza, portanto os autores destacam a superação de uma visão da realidade que sempre era interpretada pelo viés analítico da ordem para uma realidade que pode ter tanto a ordem e/ou a desordem como meta para entender a realidade, logo o surgimento de novos padrões de organização e de reajustamento dos antigos sistemas são inevitáveis para compreender o espaço geográfico. Trata-se de um capítulo polêmico, porém fundamental já que as bases da ciência geográfica são questionadas pela mudança paradigmática e filosófica.

O sexto capítulo “Uma leitura geográfica da epistemologia do espaço segundo Piaget” escrito pela professora Lívia de Oliveira busca elementos para realizar uma leitura epistemológica do espaço através das obras de Piaget; assim, inicia suas discussões pela epistemologia genética de Piaget até alcançar a epistemologia do espaço geográfico.

Oliveria deixa muito claro a importância da interdisciplinaridade fundamentada pela psicologia e pela lógica, também aponta os níveis de desenvolvimento intelectual que

relacionam-se ao desenvolvimento biológico da criança, ou seja, autora entende que a epistemologia genética possui ferramentas teóricas para entender as gêneses das estruturas cognitivas e possibilitar aos professores de Geografia um melhoramento na condução adequada de suas aulas por meio do conhecimento das relações de dependência entre o desenvolvimento cognitivo, a biologia, estruturas espaciais e as representações espaciais. A autora destaca a importância das representações espaciais e das relações espaciais para a compreensão da epistemologia do espaço geográfico, isto é, o espaço é compreendido pelas suposições gerais do conhecimento vinculado a uma lógica e ao desdobramento da psicologia enquanto fator capaz de identificar as relações do sujeito no e com o espaço. O capítulo direciona a pesquisa geográfica para um avanço significativo do debate quanto ao espaço e sua importância categórica para a Geografia e, conseqüentemente, para o mundo.

O sétimo capítulo “Geopolítica e formação territorial no Brasil” escrito por Rita de Cássia Martins de Souza trabalha com a questão geopolítica no Brasil à partir de dados e autores históricos tais como Everardo Backheuser, Delgado de Carvalho, Mário Travassos e Paula Cidade. A autora trabalha com a organização, unificação e legitimação do território nacional brasileiro, para isso busca elementos nos autores já aqui destacados e uma sistematização da geopolítica brasileira que vai ao encontro do questionamento das concepções da civilização nacional. A legitimação do território nacional por meio de uma identificação no processo civilizador brasileiro garante o domínio do território e faz com que os brasileiros se tornem realmente brasileiros.

O capítulo oito “Na planície amazônica, de Raimundo Morais: uma avaliação do pensamento geográfico na literatura regionalista” escrito por Fadel David Antonio Filho resgata um dos pensadores que muito contribuíram para a Geografia: Raimundo Morais (nasceu em Belém – PA – e faleceu na mesma cidade em 1941). O professor Fadel analisa a obra “Na planície amazônica” a mais conhecida obra de Morais escrita em 1926, tal obra tem “[...]vinte e seis pequenas narrativas sobre os mais variados aspectos da Amazônia, apresenta descrições pormenorizadas dos fenômenos naturais [...]”(p. 218). Fadel aponta a importância das descrições realizadas por Morais como verdadeiras imagens pintadas pelas palavras. Segundo Fadel a obra de Morais parte dos elementos hídricos, passa pela botânica e tenta explicar o homem amazônico pelas teorias darwinistas. Morais por meio de sua obra revela elementos diversos para explicar a região amazônica, para isso não se esquece da história local imbricada na economia, na cultura e nos aspectos sociais. Fadel conseguiu detalhar em

poucas páginas a obra de Morais, não relacionou a mesma com a contemporaneidade, uma vez que isso cabe a outros trabalhos seus ou mesmo para outros pensadores.

O último capítulo “Geografia, turismo e análise sistêmica” escrito por Charlei Aparecido da Silva e Archimedes Perez Filho analisam o turismo através das teorias sistêmicas, para isso iniciam suas análises pelos processos do turismo na história por meio dos arranjos espaciais e das condições da organização das localidades receptoras das atividades turísticas. Os autores enumeram o desenvolvimento das atividades turísticas ao longo da história, ou seja, desde o Império Romano até a história contemporânea os autores avaliam as mudanças das concepções de turismo com suas respectivas atividades. Ao analisarem o turismo pela teoria sistêmica destacam dois elementos: a classificação de sistemas e a análise das escalas dos sistemas, portanto, entendem que o turismo é um sistema aberto e que o mesmo precisa ser estudado através dos processos de interdependência e inter-relação. Para os autores o sistema turístico (Sis Tur) por suas necessidades de crescimento e desenvolvimento econômico afetam diretamente o geossistema e os subsistemas sócio-cultural e político-econômico. Os autores dissertam detalhadamente quanto ao geossistema e seus subsistemas, mesmo assim entendem que o grande desafio está no desenvolvimento de metodologias de análises das atividades turísticas.